

# Ensino de sociologia no pós-pandemia

## Tecnologias digitais híbridas contra-hegemônicas na valorização da presencialidade



Ivan Penteado Dourado

Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC.

### Resumo

O presente artigo apresenta um conjunto de práticas educacionais que integram o tripé acadêmico (ensino-pesquisa-extensão) que relacionam o papel das tecnologias digitais no ensino de Sociologia, premiada no Concurso Boas Práticas Pedagógicas realizada pela Universidade de Passo Fundo, no ano de 2022. No processo de reconhecimento das transformações do perfil dos estudantes no espaço do ensino superior brasileiro, aprofundado e radicalizado no contexto pandêmico, identificou-se novas possibilidades no uso dos recursos digitais, vídeo-aulas e atividades avaliativas digitais, capazes de potencializar de forma inovadora as presencialidades e a autonomia em um contexto híbrido de ensino. Com o objetivo geral de compartilhar esse conjunto de práticas e refletir teoricamente sobre o uso das tecnologias digitais no ensino superior, o presente estudo de natureza exploratória, busca inspirar outros educadores a replicarem e avançarem nas práticas aqui apresentadas. Como principais resultados, identificamos a redução drástica das posturas de desinteresse e apatia dos estudantes nas aulas presenciais e atividades remotas, juntamente com a emergência de novas dinâmicas de discussão presencial, aprofundando e significando de forma mais efetiva os conhecimentos referente aos fenômenos sociais em uma proposta híbrida contra-hegemônica.

**Palavras-chave:** ensino de Sociologia; Sociologia da Educação; ensino presencial; ensino híbrido.

### Enseñanza de Sociología en la pospandemia: tecnologías digitales híbridas contrahegemónicas para valorar la presencialidad

#### Resumen

Este artículo presenta un conjunto de prácticas educativas que forman parte del trípode académico (docencia-investigación-extensión) que relaciona el papel de las tecnologías digitales en la enseñanza de la Sociología, premiada en el Concurso de Buenas Prácticas Pedagógicas realizado por la Universidad de Passo Fundo, en 2022. En el proceso de reconocimiento de las transformaciones en el perfil de los estudiantes en el espacio brasileño de educación superior, profundizadas y radicalizadas en el contexto de pandemia, se identificaron nuevas posibilidades en el uso de recursos digitales, videoclases y actividades evaluativas digitales, capaces de valorizar de una manera innovadora la presencia y autonomía en un contexto híbrido de propuesta contrahegemónica. Con el

objetivo de compartir este conjunto de prácticas y reflexionar teóricamente sobre el uso de las tecnologías digitales en la educación superior, este estudio exploratorio pretende inspirar a otros educadores a replicar y avanzar en las prácticas aquí presentadas. Como principales resultados identificamos la drástica reducción de las actitudes de desinterés y apatía de los estudiantes en las clases presenciales y actividades remotas, junto con el surgimiento de nuevas dinámicas de discusión presencial, profundizando y dando significado más efectivo al conocimiento sobre los fenómenos sociales contrahegemónicos.

**Palabras clave:** enseñanza de la Sociología; Sociología de la Educación; enseñanza presencial; enseñanza híbrida.

---

## Teaching Sociology in the post-pandemic: counter-hegemonic hybrid digital technologies in valueing presentiality

### Abstract

This article presents a set of educational practices that integrate the academic tripod (teaching-research-extension) that relate the role of digital technologies in teaching Sociology, awarded in the Good Pedagogical Practices Competition held by the University of Passo Fundo, in the year 2022. In the process of recognizing the transformations in the profile of students in the Brazilian higher education space, deepened and radicalized in the pandemic context, new possibilities were identified in the use of digital resources, video classes and digital assessment activities, capable of innovatively enhancing face-to-face interactions and autonomy in a hybrid teaching context. With the general objective of sharing this set of practices and reflecting theoretically on the use of digital technologies in higher education, this exploratory study seeks to inspire other educators to replicate and advance the practices presented here. As main results, we identified the drastic reduction in students' attitudes of disinterest and apathy in face-to-face classes and remote activities, together with the emergence of new dynamics of face-to-face discussion, deepening and more effectively signifying knowledge regarding social phenomena in a proposal counter-hegemonic hybrid.

**Keywords:** teaching Sociology; Sociology of Education; in-person teaching; hybrid teaching.

---

### Introdução

O contexto universitário brasileiro encontra-se imerso em grandes desafios. Podemos definir um recorte mais específico com o reconhecimento de dois marcos principais. De um lado temos um processo de longa duração que, nas últimas décadas, definiu via Estado um conjunto de políticas públicas voltadas a popularização do acesso ao Ensino Superior. De outro, um fenômeno mais recente, relacionado às profundas transformações que o contexto pós-pandêmico representou no perfil de ingresso dos estudantes universitários e as novas tecnologias e metodologias de ensino.

No momento em que recuperamos o intervalo histórico dos últimos trinta anos, identificamos um crescimento no acesso ao espaço universitário. O número de matrículas que tínhamos no ano de 1991 no ensino superior brasileiro, encontramos aproximadamente 1.565.056 milhão (INEP, 2015). Já no ano de 2006, esse número cresceu para 4.944.877 milhões de matrículas registradas nas instituições de ensino superior. Após dez anos, o país ultrapassou as 8 milhões de matrículas.

Para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, “em 2016, 34.366 cursos de graduação foram ofertados em 2.407 instituições de educação superior (IES) no Brasil para um total de 8.052.254 estudantes matriculados” (INEP, 2016: 6). Já em 2021 mesmo os números não apresentando um crescimento tão vertiginoso, o país alcançou quase nove milhões (8.986.554) de estudantes matriculados (Brasil, 2022).

Com base nessa recuperação do crescimento do número de matrículas podemos reconhecer um avanço na democratização do acesso ao ensino superior no contexto brasileiro. Porém, se pensarmos em números totais em relação à população, no ano 2009, ano que foi considerado o pico do número de matrículas, alcançamos um total de apenas 19% de alunos matriculados nesse nível de ensino com idades entre 19 e 24 anos no Brasil (PNAD, 2010).

Mesmo não estando nas melhores posições internacionais nos rankings de países do mundo com maior número de jovens matriculados no ensino superior, esse processo representou nacionalmente um aumento bastante significativo de matrículas, com maior densidade, num intervalo de pouco mais de 20 anos. Além do crescimento numérico, a diversidade cultural, social, étnica e de gênero representou uma enorme mudança no contexto do ensino superior.

Jovens de fatias sociais até então não representadas proporcionalmente nestes espaços formativos, passam a ingressar de forma majoritária. Filhos de pais que não puderam terminar a escola, sendo muitas vezes a primeira geração da família a cursar o ensino superior. Segundo a pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Alunos de Graduação das Universidades Federais Brasileiras encomendado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), por meio do Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) publicado em 2011, o perfil dos estudantes, deixa de ser formado por uma maioria oriundos das classes A. Esse número alcança seu ápice de democratização de acesso em 2018, com 53,2% dos estudantes que ingressaram no ensino superior com renda familiar mensal per capita de até um salário mínimo (Brasil, 2018).

Estamos aqui identificando uma profunda mudança de paradigma no perfil do estudante universitário brasileiro. Se antes o perfil do estudante era oriundo das classes privilegiadas, cercados de acessos e facilidades, agora, esse estudante, leva para dentro da universidade a realidade da maioria dos estudantes brasileiros oriundos das classes populares. Ainda mais quando falamos de estudantes matriculados nos cursos de licenciatura, que são, em sua maioria, ofertados noturnamente, já que sua origem social os faz precisar trabalhar no contraturno dos estudos. Sobrevivem como podem e lutam diariamente para se manter estudando. Muitas vezes se deslocando de regiões periféricas por longos períodos até as instituições localizadas nos grandes centros e capitais, ou mesmo, estudando em cursos oferecidos em formato à distância (EADs) (Brasil, 2018).

Temos também nessas novas gerações, um perfil maior de estudantes hiper-conectados, altamente dependentes dos aplicativos de celular e do uso da Internet, já reconhecidos como nativos digitais (Tavares e Melo, 2019). São gerações com mudanças comportamentais relacionadas à atenção, foco e suas novas formas de se relacionar com a realidade, atravessadas pelas novas tecnologias (Pischetola e Heinsfeld, 2018). Essas características já eram identificadas de forma crescente em cada novo ingresso de estudantes mas, acaba por ser radicalizada, com a experiência pandêmica de 2019.

O contexto pandêmico, entre outras questões, mostrou a fragilidade do nosso processo civilizatório frente ao vírus da COVID-19 que levou a óbito mais de setessentas

mil pessoas no Brasil<sup>1</sup> e mais de quinze milhões no mundo.<sup>2</sup> No recorte proposto na presente discussão, do ponto de vista pedagógico, tivemos em março de 2019 a interrupção das aulas e a educação passou, da noite para o dia, a vivenciar obrigatoriamente o contexto das aulas remotas. Esse processo deixou inúmeros legados que ainda estão sendo mapeados em pesquisas como essa, que buscamos compreender o período pós-pandêmico, mais precisamente, as transformações que ocorreram no contexto educacional (Cavalcanti e Guerra, 2020; Ferrari e Cunha, 2020).

Ao recuperarmos essas duas dimensões que atravessam o ensino superior brasileiro, precisamos ir além da constatação, reconhecendo e problematizando seus contextos concretos. Os novos perfis sociais e culturais da maioria dos estudantes, somados ao contexto de superexposição às novas tecnologias de ensino em contextos de isolamento social, nos apontam a necessidade de rever práticas e concepções pedagógicas.

Munido desse desafio, o presente artigo apresenta um conjunto de práticas, reunidas em um mesmo projeto pedagógico, premiado com o segundo lugar no Concurso Boas Práticas Pedagógicas realizada pela Universidade de Passo Fundo, no ano de 2022. A proposta compreende as disciplinas de graduação denominadas “Sociologia dos Processos Socioeducativos” e de “Sociologia da Educação”, obrigatórias no currículo dos cursos de Licenciatura e Pedagogia na referida universidade. Essas práticas pedagógicas foram reconhecidas pelo seu enfrentamento direto ao desafio de sustentar uma metodologia de ensino híbrida (Bacich e Trevisan, 2015) para o ensino de Sociologia frente aos desafios anteriormente descritos. Assim, refletiremos sobre alguns legados positivos do ponto de vista da criação de novas práticas educativas inscritas dentro de uma identidade pedagógica híbrida em contexto comunitário de ensino (Bittar, 1999) crítica e humanizadora. Em outras palavras, buscamos na presente pesquisa, responder a seguinte problemática: “Como avançar em novas metodologias de ensino e avaliação, frente ao desafio que os novos marcos do ensino superior brasileiro representam, mobilizando esses novos perfis de estudantes em contexto pós-pandêmicos para a potencialização da autonomia e valorização da presencialidade?”.

## O contexto institucional comunitário

Importante registrar que os marcos definidores dos desafios no ensino superior brasileiro, são atravessados por interesses do capital (Evangelista *et al.*, 2019). Não apenas o que chamamos de democratização do acesso ao Ensino Superior brasileiro, realizado por meio de uma abertura de mercado das instituições privadas e dos grandes monopólios educacionais, mas essa escolha de ordem política, representou profundas consequências no acesso à universidade dentro de um verdadeiro “mercado” de diplomas.

Um crescimento vertiginoso das instituições de Educação à Distância (EAD), nivelaram por baixo a qualidade do ensino superior brasileiro. Esse processo foi tão profundo, principalmente na formação de professores nos cursos de licenciatura, que está em pauta desde o início do ano de 2024 pelo atual Ministro da Educação, Camilo Santana, a necessidade de uma avaliação profunda e redefinição dos cursos EAD.

1 Ministério da Saúde, com dados atualizados em 22 de maio de 2025. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html) Acesso em 25 de maio de 2024.

2 BBC (2022) disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581> Acesso em 25 de maio de 2024.

Essa modalidade de ensino cresceu de forma acentuada com Pandemia da COVID-19, com uma migração e ingresso de novos estudantes para essa modalidade de ensino. Desta forma é de fundamental importância identificar em primeiro lugar, práticas pedagógicas de EAD, que definiremos como “de mercado” que precarizam a educação superior, identificadas como hegemônicas. Para posteriormente, apresentar novas práticas que se apresentam como formas de resistência e criatividade pedagógicas capazes de avançar em formações críticas e geradoras de autonomia. Essas últimas chamaremos aqui de práticas pedagógicas contra-hegemônicas.

Não podemos cair, portanto, em uma leitura ingênua do uso das chamadas Tecnologias da Informação (TIC), como se essas fossem dotadas de uma neutralidade ou mesmo em uma positividade inerente no seu uso e no seu impacto nos processos educacionais. Uma percepção que, sem nenhum receio, definimos como imediatista e descolada do contexto material e histórico. Essas propostas descontextualizam os fenômenos sociais e educacionais, como se esses não se estabelecessem no interior de um modo de produção capitalista estruturado em classes sociais.

Dito isso, quando falamos em criatividade, evitamos o uso do termo “inovação”, pelo seu desgaste e apropriação do mesmo nas estratégias de marketing dos cursos EAD que simplificam e deturpam seu sentido mais amplo e profundo. Buscando falar de criatividade pedagógica numa definição híbrida de ensino voltada a geração de autonomia, estamos indicando uma proposta de que não precariza e desemprega professores, muito menos os substitui por tutores e materiais digitais criados por “Inteligência” Artificial (IA) ou empresas terceiras que produzem conteúdos de forma massificada. Estamos falando do desafio de valorização do uso tecnológico para fins de potencialização do aprendizado e do ensino em contexto de Ensino Superior.

Esse desafio pedagógico atravessa os dois marcos definidores do contexto universitário brasileiro anteriormente localizados. Levando em conta esse recorte específico, buscaremos contextualizar alguns elementos que precisam ser detalhados, evitando qualquer generalização ingênua das práticas aqui apresentadas.

A Universidade de Passo Fundo constitui uma instituição de ensino comunitária, ou seja, de caráter público não estatal. De forma mais objetiva, seus estudantes precisam pagar para estudar, mesmo que os valores sejam reduzidos, no caso dos cursos de licenciatura ou por concessão de bolsas e descontos. O foco na formação de licenciados é relevante, já que como definimos na introdução, são hegemonicamente formados por estudantes filhos da classe trabalhadora. Além disso, trata-se de uma universidade gestada por professores, democraticamente eleitos e não por acionistas e empresários interessados apenas nos ganhos econômicos (Bertolin e Dalmolin, 2004).

Ao mesmo tempo, dentro de um contexto mais amplo de oferta dos seus cursos, as universidades comunitárias foram profundamente impactadas com o crescimento vertiginoso de instituições de mercado. Um dos impactos mais profundos, de ordem pedagógica, foi a necessidade de ampliação do percentual à distância, com aulas em formato híbrido e do uso crescente de plataformas digitais para composição desse percentual não presencial nos cursos ofertados.

Essa pressão foi chancelada pelo Estado brasileiro, com a edição da Portaria nº 2.117 que, em 06 dezembro de 2019, no contexto do governo Bolsonaro e de pandemia, foi editada pelo Ministério da Educação visando a ampliação da oferta de até 40% da

carga horária total de todos os cursos presenciais através da modalidade à distância<sup>3</sup> (Brasil, 2019).

Além disso, ocorreu nas instituições comunitárias, um processo de maior radicalização da enturmação, ou seja, um agrupamento maior de estudantes por sala, passando dos até então trinta estudantes médios por sala, para reunir cinquenta estudantes ou mais por turma. Entre as disciplinas dos semestres iniciais em todos os cursos em que esse processo foi possível, já acompanhávamos esse processo crescente de enturmação também nas disciplinas denominadas “de área”. Disciplinas de Língua Portuguesa, Escrita acadêmica, por exemplo, formam a área de linguagens. As disciplinas de matemática, estatística, cálculo, por exemplo, são definidas como disciplinas da área das matemáticas.

No caso específico aqui discutido, temos um grupo de disciplinas chamadas de Área de Humanidades, de oferta única no currículo de conteúdos das áreas de Ciências Sociais, Filosofia e Ética, nos cursos de Licenciatura. Essas disciplinas acabaram por serem fortemente responsabilizadas pela formação qualificada dos estudantes (futuros professores) com um aumento acentuado no número de estudantes por turma. Com a responsabilidade de trabalhar as referidas áreas do conhecimento, formando professores neste contexto específico, as disciplinas necessitam carregar em sua proposta, um alto potencial formativo, crítico e humanizador.

A disciplinas de Sociologia dos Processos Socioeducativos e a disciplina de Sociologia da Educação, foram institucionalmente definidas, durante a reforma curricular realizada no período pandêmico, como disciplinas híbridas. Ou seja, o conjunto de aulas que totalizaram o semestre (aproximadamente dezessete encontros de quatro créditos cada, passaram a ser organizadas com percentual de cinquenta por cento em formato híbrido). Nesse desafio formativo onde o ensino presencial é radicalmente reduzido, buscou-se colocar no centro dos processos educativos do campo sociológico, a relevância do tripé universitário comunitário: ensino, pesquisa e extensão, entendida como prática científica de humanização crítica dos futuros professores (Dourado, 2018).

É fundamental destacar que, dentro de um contexto de universidade comunitária, a autonomia pedagógica e os processos que envolvem a avaliação são preservadas dentro de uma concepção de autonomia de cátedra, permitindo que os professores possam criar suas metodologias mesmo que no interior desse contexto de hibridização. Ou seja, diferente da proposta do EAD hegemônico de mercado, que vamos na sequência definir mais precisamente, o processo de hibridização, não se deu com objetivo de lucro e precarização da profissão docente. Neste caso em específico, atendendo uma maior demanda dos estudantes de redução do deslocamento e das aulas presenciais, deixando a universidade mais “flexível” em relação a presencialidade, o professor foi mantido recebendo suas horas-aula da mesma forma que eram pagas no ensino presencial.

Antes de compartilharmos um conjunto de ações pedagógicas efetivadas, teoricamente sustentadas e metodologicamente construídas dentro dos padrões do que definimos como Ciência da Educação e construindo as bases de um ensino contra-hegemônico, precisaremos definir o que seria um modelo hegemônico de EAD que vamos nos contrapor. Visando inspirar outros professores para que possam acessar novas práticas dentro desses critérios, é de fundamental importância reconhecer os

<sup>3</sup> Exceto nos cursos de formação médica.

limites impostos pela lógica de mercado na materialidade em que o ensino à distância se efetiva dentro da lógica empresarial de ensino superior.

## Uma breve contextualização do Ensino à Distância (EAD) hegemônico

Quando falamos de Ensino à Distância (EAD) precisamos localizar precisamente uma crítica a qualquer tentativa de identificar o uso de tecnologias digitais dentro de uma concepção salvacionista e ingênua. Não estamos definindo as práticas pedagógicas que mobilizam o uso de novas tecnologias que dão sustentação ao ensino à distância como negativos ou positivos por elas mesmas. Mas contextualizando concretamente e materialmente o uso dessas tecnologias em um contexto de orientação dessa modalidade de ensino dentro do Modo de Produção Capitalista (Evangelista *et al.*, 2019).

As práticas pedagógicas e as ferramentas digitais de ensino-aprendizagem não se estabelecem em um espaço neutro e livre de qualquer interferência política, cultural e econômica. Muito pelo contrário, o professor que atua nos contextos das instituições que se propõe à distância em empresas educacionais, estão imersos em lógicas que são definidoras de princípios que não colocam a qualidade do ensino e da aprendizagem como prioridade. Antes de tudo, colocam o lucro e a redução de custos como princípio da gestão da educação entendida como uma mercadoria e um serviço que é vendido pelo retorno econômico potencial desse investimento.

Assim, longe de evitar essa discussão, pretendemos expor as contradições existentes nas práticas em contexto político, cultural e econômicas na modalidade de oferta de ensino EAD, nos distanciando do que Saviani (2008) denomina de neo-tecnicismo. As tecnologias não são neutras, não tem em si uma positividade inerente ao contexto em que são aplicadas ou utilizadas. No momento em que o ensino superior é entendido como mercadoria, que precisa ser ofertado com menor custo possível para o empresário que detém a propriedade dos meios de produção de uma instituição de ensino, temos um contexto crítico. Somado a essa primeira dimensão, temos um conglomerado de instituições ofertadas em pólos que se resumem a uma sala com uma televisão em cada cidade, o que acaba por despersonalizar o ensino, massificando a partir de aulas e metodologias prontas que não mudam, independente do perfil da turma e suas necessidades ao longo dos anos (Freitas, 2020).

Ao observarmos minimamente o que as maiores instituições de Ensino à distância realizam, entre outras práticas, a segmentação das atividades e responsabilidades que, no ensino presencial, eram realizadas pelo mesmo professor. Assim, cada função no processo que envolve o ensino passam a ser particionadas e terceirizadas, definindo novas funções nessa nova “máquina” de produção das aulas genéricas. No lugar do professor, passamos a ter um profissional definido como “conteudista”, outro como comunicador, um tutor, empresas terceirizadas que fabricam os materiais didáticos, as videoaulas, as atividades e os conteúdos. Muitas dessas produções, nos últimos anos foram produzidas por programas de Inteligência Artificial (IA).

Assim, temos um mesmo bloco de aulas (muitas vezes composta de: uma videoaula, um texto didático ou paradidático é uma atividade avaliativa) sendo replicadas em todos os pólos, para todos os estudantes de um determinado curso ou disciplina. Não existindo regulamentação, por exemplo, sobre a validade e o objetivo do seu uso após gravação e produção dos mesmos. A identificação de problemas, erros e imprecisões, fica a cargo de quem aplica, indicando que o mesmo descreva o problema e indique melhora sem receber por esse serviço. Ou seja, a educação se transforma em um pacote pronto de

oferta de conteúdos, mas sem nenhum compromisso com a qualidade e particularidade que cada grupo de estudantes, em cada cidade ou estado do Brasil.

Esse processo atinge diretamente a profissão e a formação tanto docente quanto discente. No caso da profissão docente, é inegável que estamos diante de um processo de destruição da autonomia e da artesanania que compreende a liberdade de cátedra do professor universitário. A pesquisa de Barreto (2003; 2004) ao recuperar o conteúdo de um consultor internacional pautado pelos interesses empresariais voltado a EAD, temos a afirmação do “novo” papel do professor, no qual os professores deixariam de ser os detentores do conhecimento, para se transformar em “animadores” de grupo ou mesmo, professores “tarefeiros”.

Assim, temos o elemento central na crítica da proposta de EAD que se coloca como hegemônica no contexto brasileiro, ou seja, a lógica empresarial da educação que busca o lucro antes de primar pela qualidade da formação. Esse reconhecimento de que essa concepção de empresa educacional afeta diretamente a qualidade das possibilidades didáticas e de ensino-aprendizagem, significa reconhecer que é fundamental superar essas práticas, pela oferta de novos caminhos contra-hegemônicos. Identificamos que para esse novo caminho, não podemos negar o uso de novas tecnologias, mas empregar os seus potenciais para objetivos de qualidade e emancipação.

### **Por uma proposta híbrida contra-hegemônica**

Passamos agora a construir uma concepção de ensino que nos distancie da concepção anteriormente definida. Esse processo será apresentado com bases concretas estabelecidas na prática pedagógica contextualizada, com fundamentos teóricos e conceituais balizadoras dessas decisões. Ou seja, as ações pedagógicas que serão apresentadas, se darão no interior do contexto educacional e institucional anteriormente descrito, com base no perfil dos estudantes que permitiram, por meio de trocas qualificadas, construir indiretamente a presente proposta. Portanto, não é possível deste ponto em diante do texto, não me definir como autor e mudar o que a língua portuguesa define como desinência verbal. Em outras palavras, passo a definir a autoria desta reflexão, utilizando o eu oculto, já que trata-se de práticas de experiências pedagógicas vividas concretamente pelo autor da presente discussão.

Cabe constar também, que as aulas que serão aqui apresentadas foram “lapidadas” no decorrer da experiência do professor/autor, planejadas, refletidas e replanejadas ao longo de dez anos (2012-2022), dentro de um processo contínuo de abertura para críticas e sugestões dos estudantes e de aprofundamento em leituras do campo pedagógico, radicalizadas com a experiência pandêmica. Ou seja, a presente proposta não surgiu da noite para o dia, em uma “inspiração criativa e didática” momentânea. Mas como resultado de um processo longo de práticas de ensino e aprendizagem de trocas com os estudantes, somado ao estudo sistemático de autores capazes de fundamentar tais práticas, desenvolvendo avanços continuados dentro de uma concepção específica de ensino de sociologia (Dourado, 2024).

Cabe inserir essa discussão no contexto das novas tecnologias educacionais, ofertando novas formas de ensino e aprendizagem. Bacich, Neto e Trevisan (2015) apresentam os avanços e desafios do ensino híbrido, que alicerçam outras possibilidades pedagógicas. Concebemos a presente proposta em modelo de ensino híbrido, diferente da concepção de Ensino à Distância (EAD), que pretendemos apresentar. Esse conjunto de aulas representa a busca consciente e militante em transformar o processo de aquisição de conhecimentos sociológicos em experiências interdisciplinares e interativas,



movilizando inúmeros recursos tecnológicos, pedagógicos e avaliativos em formato digital.

Como será apresentado, a concepção que envolve a criação dos recursos pedagógicos digitais são concebidos e finalizados pelo próprio professor. Ou seja, não são produzidos por terceiros, apropriados, comprados e replicados pela instituição. Esses materiais constituem materiais didáticos que cada professor cria e realiza. Estes são acumulados ao longo do percurso profissional, visando potencializar a concepção de criatividade em um contexto profissional e institucional que prima pela liberdade de cátedra e autonomia docente.

### **A experiência de criação de uma proposta de ensino híbrido contra-hegemônico**

Com base na concepção híbrida de ensino que desejamos materializar, as disciplinas foram organizadas metodologicamente em etapas. Essas etapas iniciam com a necessidade de conhecer a turma. Cada estudante é provocado a falar minimamente sobre sua trajetória de vida, encorajados pelo compartilhamento da história de vida do professor. Ao final do primeiro encontro, cada estudante é desafiado a escrever sua história de vida mais detalhada e enviar em documento digital na plataforma Moodle. Essa base de quem são os estudantes e suas trajetórias é de fundamental importância, já que é com base nesse coletivo de pessoas, que definiremos a construção das referências a serem estudadas<sup>4</sup> (Dourado e Costa, 2024). Na segunda aula, ainda entendida como integrando a primeira etapa, é apresentada uma proposta de Cronograma de Leituras. Esse documento orientativo de tudo que acontecerá ao longo do semestre será ajustado e apresentado de forma completa na terceira aula.

Após conhecer os estudantes e mapear seus sonhos, anseios e dificuldades, é fundamental apresentar um cronograma detalhado, com cada aula separada por data, com leitura prévia e materiais necessários em cada encontro, todos disponíveis online. Esse processo permite que o estudante tenha a possibilidade de se preparar com autonomia para os encontros presenciais.

Desta forma, logo no início do segundo bloco, mais precisamente na quarta aula em diante é realizado um pacto pedagógico entre estudantes considerados neste nível de ensino como seres adultos. Estabelecemos que no contexto do ensino superior, o estudante se responsabilize pela sua própria formação intelectual. Isso não retira a responsabilidade do professor em conduzir esse processo, porém, coloca uma responsabilidade consciente e de maior volume no próprio estudante. Por isso, eles são orientados para que venham para todas as demais aulas, com o texto indicado para leitura lido previamente, a videoaula indicada assistida e um parágrafo escrito com seus entendimentos e dúvidas formuladas na forma de perguntas. Essa preparação será fundamental para o estabelecimento de aulas presenciais e por uma forma de avaliação, denominada Grupos de Debatedores, que descreverei melhor na sequência.

Inclusive, ao falar de organização prévia da disciplina em formato de cronograma, apresentado de forma organizada e completa desde o início do semestre, se faz um elemento fundamental na proposta apresentada. Ao identificar que o público hegemônico

<sup>4</sup> Não é possível apresentar todos os critérios e parâmetros que são utilizados para as decisões de ordem bibliográfica da disciplina. De forma mais geral, as trajetórias de vida servem para mapear as gerações, o nível de alfabetização, os tipos de formação cultural e laboral e, principalmente, as realidades e sonhos vividos pelos estudantes. Esse conjunto de critérios ajudarão na seleção de textos mais basilares de fundamentos, ou de textos com maior densidade teórica. Além dos exemplos que serão mais potenciais e os materiais visuais a serem adotados na disciplina.

que cursa as Licenciaturas no Brasil, filhos da classe trabalhadora, ou mesmo, já são classe trabalhadora desde o primeiro semestre do curso, como definimos na introdução. Assim, entendendo que são estudantes que trabalham no contra-turno das aulas, vivem as inconstâncias da vida da classe-que-vive-do-trabalho (Antunes, 2013), é fundamental que esses estudantes tenham acesso ao que está planejado para a totalidade do semestre. Esse cuidado e sensibilidade, permite que os estudantes possam se organizar com previsibilidade dentro dos desafios de leitura prévios e das novas formas de avaliação em seu contexto material de vida. Um exemplo abaixo com uma página do referido documento, ilustra essa concepção:



**AULA 6: O OLHAR SOCIOLÓGICO DO PROFESSOR - DURKHEIM E A EDUCAÇÃO**

Análise do documentário:  
Muito Além do Peso - Link para assistir:  
DATA 26/04 <https://www.youtube.com/watch?v=8UGe5GIHCT4>  
**P** Como Durkheim explicaria essa realidade alimentar?  
Análise Sociológica  
Análise de Filme/série avaliação 2

**AULA 7: KARL MARX - TRADIÇÃO CRÍTICA - MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO**

**LEITURA OBRIGATÓRIA:**  
DATA 03/05 ARAÚJO, Glauco L. DOURADO, Ivan P. SOUZA, Vinicius Rauber. SOCIOLOGIA PARA NÃO SOCIÓLOGOS - Os Clássicos da Sociologia. UPF EDITORA, Passo Fundo, 2016.  
**P** Lunos:  
Páginas indicadas: P.54-69

**AULA 8: KARL MARX: O CAPITAL E A SOCIEDADE DE CLASSES**

**LEITURA OBRIGATÓRIA:**  
DATA 10/05 QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Marcia Gardenia de. Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 2002.  
**P** Lunos  
Páginas Indicadas: Pag.30-37.  
MOODLE Videoaula % EAD

**AULA 9: MARX E A EDUCAÇÃO**

Análise do filme:  
DATA 17/05 **In Time**  
Como os conceitos de Karl Marx explicam as relações de produção do filme?  
<https://youtu.be/OvIRXhDw4ao?si=WFcgXqRXWAAQd-SQ>  
**P** Análise Sociológica  
Análise de Filme/série avaliação 3

**AULA 10: MAX WEBER - A ÉTICA PROTESTANTE**

**LEITURA OBRIGATÓRIA:**  
DATA 24/05 ARAÚJO, Glauco L. DOURADO, Ivan P. SOUZA, Vinicius Rauber. SOCIOLOGIA PARA NÃO SOCIÓLOGOS - Os Clássicos da Sociologia. UPF EDITORA, Passo Fundo, 2016.  
**P** Lunos  
Páginas indicadas: p 34-46  
MOODLE Videoaula % EAD

**ENSINO DE SOCIOLOGIA - DESAFIOS NO MOMENTO DE TRANSPOR OS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NA ESCOLA**

**LEITURAS OBRIGATÓRIAS:**  
DATA 07/06 LAHIRE, bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n.1, jan/jun, 2014  
**P** Lunos  
Páginas indicadas: p 50-55.

Página 3

Figura 1. Fonte: Elaboração do autor.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Os Cronogramas de leitura criado no aplicativo Canva, trazendo uma proposta moderna e criativa, com a possibilidade de clicar hiperlinks nos textos e vídeos, facilitando o acesso a esse material de forma interativa.

Frente ao desafio de leitura prévia de textos científicos, muitas vezes com escritas muito densas e atravessadas por conceitos e teorias que são enfrentadas pela primeira vez, surgiu a ideia das videoaulas gravadas como um material importante de apoio. Para que os estudantes não se sintam sozinhos nas leituras, as aulas expositivas são gravadas em vídeos de duração entre vinte e trinta minutos que servirão como guias básicos para o acompanhamento das leituras.

Nessa modalidade de videoaula<sup>6</sup> gravada, os estudantes podem assistir mais de uma vez, pausarem e realizarem anotações do conteúdo do vídeo, assistirem em velocidades de exposição diferentes (mais rápidas ou mais lentas) respeitando seu tempo e forma com que preferem que a exposição do conteúdo ocorra. Além disso, pensando no potencial inclusivo, existe a possibilidade de utilização de legenda e tradução em Libras<sup>7</sup>, tornando a parte expositiva mais inclusiva, diversa e acolhedora. Essa dinâmica que antecede o encontro presencial, permite que a presencialidade seja repensada e potencialize as trocas de sobremaneira.

Se antes da pandemia, tínhamos boa parte das aulas presenciais dedicadas a parte expositiva, ainda tínhamos um entendimento dominante que a aula era para ser protagonizada pelos professores universitários. Ou seja, os estudantes se deslocavam às vezes mais de duas horas para estarem presencialmente em aula, assistindo os professores a verbalizarem as explicações e, somente em alguns momentos das aulas ou mesmo no final da explicação, era permitido que fizessem suas perguntas e questionamentos.

No momento em que aprendemos com a experiência pandêmica que a presencialidade precisa ter outro valor e direcionamos as aulas expositivas para acontecerem nas aulas de percentual EAD, as aulas presenciais podem então, focar na efetivação de trocas efetivas, permeada por dúvidas, entendimentos e compreensões dos textos e vídeo-aulas de forma mais aprofundada e interativa. Com essa preparação prévia, que utiliza o tempo do percentual de aula remota, para um estudo sistemático prévio, centra o foco dos estudantes no compromisso com a leitura e aprofundamento, combinada com a parte mais expositiva da aula, liberando os encontros presenciais para a interação, significação dos conhecimentos e maior precisão nos aprendizados acumulados. Afinal, não faria o mesmo sentido em um contexto pós-pandêmico o professor deslocar os estudantes presencialmente para a universidade e dar aulas puramente narradas e expositivas. Muito menos, solicitar que os estudantes leiam textos ou slides em sala-de-aula. Em outras palavras, se o contexto pandêmico não servir para amadurecimento dessa natureza, a educação não conseguirá avançar em novos patamares educacionais.

Assim, na concepção híbrida apresentada, as aulas presenciais precisam ser pensadas como encontros interativos, grandes eventos de culminância e aprofundamentos construídos coletivamente por meio da metodologia dos Grupo de Debatedores.<sup>8</sup> Proporcionando discussões mobilizadoras e protagonizadas pelos próprios estudantes, onde o professor busca conduzir essas trocas mediadas pelas leituras e conteúdos

<sup>6</sup> As vídeo-aulas gravadas, foram produzidas durante o período de pandemia, que cumpriram e seguem cumprindo um papel de "não deixar os estudantes sozinhos na hora de leitura". Assim, é indicado que os alunos e alunas assistam a vídeo aula gravada antes da leitura, fazendo com que a experiência da leitura seja mediada e acolhida anteriormente pela vídeo aula, facilitando o processo de aquisição de conhecimentos e posturas ativas e autônomas por parte dos estudantes.

<sup>7</sup> O Moodle conta com uma ferramenta de tradução em libras que torna a plataforma mais inclusiva e acessível. Precisando o professor apenas, baixar as legendas realizadas automaticamente pelo YouTube e deixar como texto no moodle para os alunos que assim necessitarem.

<sup>8</sup> O grupo de debatedores é uma forma de avaliação, criada pelo autor do presente estudo no qual os alunos são separados por grupos, que ficam responsáveis por, individualmente, lerem o texto indicado no dia antes da aula, assistirem a vídeo aula gravada e preencher um guia de debatedor, ficando responsáveis no dia da aula, em relatar: 1) O resumo do seu entendimento do texto lido e da vídeo aula em suas palavras; 2) Criar duas perguntas que representem suas dúvidas ou entendimentos do texto lido; 3) A cópia de uma citação do texto, seguindo o modelo ABNT; 4) A indicação de 10 palavras-chave mais importantes encontradas no texto e 4) A criação de um esquema ou mapa-mental das 10 palavras-chave indicadas (conforme anexo dos materiais que comprovam a prática); 5) Busca de outros referenciais e informações científicas que aprofundem o debate em questão.

teóricos das videoaulas, podendo em aula aprofundar e depender do coletivo de estudantes e suas questões específicas. Esses estudantes estão presencialmente mobilizados para um aprendizado que só se estabelece pelas trocas em sala de aula.

Nesse contrato pedagógico de concepção híbrida, vemos o uso de alguns recursos digitais que são anteriores ao próprio encontro presencial. Como já definimos, a disciplina é organizada com a indicação de leituras obrigatórias e videoaulas gravadas, com a solicitação da formulação de ideias escritas pelos próprios estudantes. A disponibilização do texto e dos vídeos se materializou na plataforma Moodle (plataforma adotada pela referida instituição), dando maior agilidade no acesso ao texto digital, sem a necessidade de imprimir ou copiar os mesmos de forma física.

Com base nessa concepção pedagógica de ensino híbrido, temos a base que permite definir a primeira forma de avaliação definida como Grupo de Debatedores, contribuindo na organização de ideias, reflexões iniciais e autonomia de estudo, que responsabiliza os estudantes a se prepararem para assumirem uma postura ativa nos encontros presenciais. Ou seja, coloca os estudantes como protagonistas nas discussões que serão aprofundadas coletivamente em aula presencial, mediadas e aprofundadas pelo professor.

### **Concepções teóricas e conceituais da proposta apresentada**

Os princípios metodológicos apresentados na organização pedagógica e metodológica das referidas disciplinas, colocam no centro do processo de aprendizagem o protagonismo dos estudantes em seu processo formativo. A participação horizontal do grupo de debatedores na significação dos conhecimentos e a interdisciplinaridade, ocorre de forma efetiva nas aulas presenciais, já que as aulas são pautadas pelos entendimentos e relatos de dúvidas, dificuldades e questões que são coletivamente apresentadas, respondidas e discutidas.

A metodologia alia os princípios de uma pedagogia engajada (Freire, 2015; Hooks, 2017), combinadas com metodologias ativas (Berbel, 2011) trazendo materiais visuais como músicas e clipes musicais (em um primeiro momento). Estas entendidas como fontes importantes da cultura material da produção industrial da cultura (Adorno, 2011) estimulando a autoaprendizagem e desenvolvimento da prática da análise sociológica do cotidiano.

Antes mesmo de aprofundar esses pontos, é fundamental indicar que no cerne dessa proposta de ensino de Sociologia, temos a proposta de uma Sociologia entendida como um “Esporte de Combate”, um combate intelectual travado dentro e fora do sujeito que pensa a realidade social, como bem definiu Pierre Bourdieu (Carles, 2021). No interior dessa concepção, a Sociologia seria ensinada como um conhecimento capaz de organizar um conjunto de conceitos sociológicos entendidos metaforicamente como “lentes”, constituidoras de um óculos sociológico (Dourado, 2023). Desta forma, filmes, documentários, músicas e clipes, serviriam como objeto de análise da “realidade”, mediados por conceitos, permitindo que os estudantes possam perceber a realidade de uma forma científica, utilizando os conceitos como mediadores interpretativos da realidade social.

Uma pedagogia engajada (Freire, 2015; Hooks, 2017), só é possível quando os/as professores/as veem os/as estudantes como seres humanos integrais, relacionando as ideias aprendidas em contextos de educação formal e as ideias aprendidas pela prática da

vida, permitindo a partilha de conhecimentos, buscando um conhecimento significativo. Nas palavras de,

Na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica, mas uma posição ingênua. A este nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual ele está e procura (Freire, 1980: 26).

Por isso é tão importante uma proposta pedagógica que coloque na trajetória dos estudantes, uma Sociologia dentro de uma proposta de alfabetização sociológica (Dourado, 2023). Nessa mesma linha, a proposta de pedagogia engajada, aponta para o que Hooks (2020: 33) afirma, ou seja, “tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total realização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente” (ibidem: 33). Essa aproximação entre o ensino de Sociologia e a pedagogia engajada da Bell Hooks (2020) não é nova e está mais bem delineada na pesquisa de Caprara e Machado (2024).

A metodologia engajada é combinada de forma específica com a proposta de ensino híbrido, que segundo Bacich, Neto e Trevisan (2015), coloca o professor no desafio de inovação, de avanço do domínio das novas tecnologias, focando na valorização da autonomia intelectual dos estudantes, aproximando-os dessas inovações pedagógicas e integrando as já consolidadas metodologias de ensino com as novas tecnologias digitais.

As formas de avaliação e mobilização do conhecimento se construíram com base no contrato pedagógico com os estudantes, que passaram a assumir um papel ativo/responsável, ao realizarem a preparação e leitura prévia dos textos indicados, preenchimento dos materiais entregues/apresentados nas datas indicadas no Cronograma de Leituras. Os momentos avaliativos se apresentam como momentos de mobilização dos conhecimentos teóricos/conceituais acumulados com as leituras, videoaulas, discussões e aulas presenciais, concebido no interior da concepção das Metodologias Ativas (Bacich, Neto e Trevisan, 2015).

Importante destacar que as avaliações não mobilizam a memorização dos conteúdos, como normalmente vemos nas modalidades de testes do ensino EAD hegemônicos. A mobilização das avaliações compreende o acúmulo de conhecimentos que são mobilizados na interpretação da realidade social, mediados pelos conhecimentos conceituais. Assim, não é a memória que define o saber, mas a sua utilização interpretativa e as possibilidades de significação desse conhecimento na vida desse estudante.

Essas avaliações concebidas no terceiro bloco da disciplina, são efetivadas por meio de três objetos de análise diferentes: Duas obras de literatura distópicas,<sup>9</sup> nos quais a turma inteira é desafiada a realizar análises sociológicas utilizando os conceitos construídos nas aulas, utilizando os dois primeiros capítulos de cada obra, em duas aulas reservadas para tal exercício analítico, exercitando o que Wrigth Mills chamou de Imaginação Sociológica.

O que precisam (...) é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e desenvolver a razão, a fim se perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos. É essa qualidade, afirmo, que jornalistas e professores, artistas e públicos, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que poderemos chamar de imaginação sociológica (1975: 11).

9 O uso das obras: 1984 de George Orwell e *Admirável Mundo de Novo* de Aldous Huxley, como fontes inesgotáveis de contextos sociais, culturais e políticos, que servem como objeto de análise sociológica.

Outra forma de avaliação, mobilizou a utilização do documentário *Muito Além do Peso*,<sup>10</sup> no qual os estudantes exercitaram seu olhar de pesquisadores, propondo problemas científicos a serem pesquisados na realidade brasileira. Nessa proposta de mobilização de conhecimento, o objeto de análise desse recurso avaliativo, transforma um comportamento de consumo de alimentos, em um *Fato Social*, definição precisa criada por Emile Durkheim (2005). Essa mediação interpretativa permite compreender o consumo de alimentos, como um fenômeno atravessado por influências sociais exteriores aos indivíduos, ou seja, não partem de uma livre escolha individual. Esse exercício de análise permite a efetivação do *óculo sociológico* (Dourado, 2023) nesta avaliação.

No último tipo de avaliação, temos o uso do documentário<sup>11</sup> referente ao projeto de extensão da COAMA realizado na e pela referida universidade, que mobiliza o olhar extensionista dos estudantes, possibilitando análises e intervenção na realidade, por meio de práticas já realizadas e documentadas por projetos de extensão. Essa atividade avaliativa acaba integrando os conhecimentos adquiridos no espaço de ensino, na prática de pesquisa e atuação em projetos de extensão por meio dos conhecimentos acumulados frente a realidade social da vida invisível dos galpões de reciclagem da cidade de Passo Fundo.

Importante sublinhar que esse documentário, coloca no interior das discussões sociológicas por meio de recurso digital e tecnológico, um documento fílmico que retrata a realidade dos catadores da cidade, como um objeto de reflexão e análise sociológica. Aproximando a realidade do trabalho de reciclagem e dos trabalhadores que ocupam essa função laboral, podendo nessa avaliação e discussão, aproximar o local e o global de forma mais complexa e profunda, furando as “bolhas sociais” (Dourado, 2017) que afetam a percepção crítica da realidade com um viés extensionista.

A última avaliação, se estabelece na discussão do uso dos capítulos centrais da obra de Jessé Souza, intitulada *A Ralé Brasileira*<sup>12</sup> (2009) e sua relação com as leituras, aulas e discussões acumuladas no semestre. Essa mobilização dos conhecimentos sociológicos, fogem totalmente de uma mobilização pragmática de memorização para reprodução do conhecimento (provas e trabalhos tradicionais), passando para o nível de mobilização interpretativa nem um nível mais complexo. Essas avaliações só são possíveis, quando a autonomia dos estudantes e sua responsabilidade em se prepararem de fato para os encontros presenciais, se materializa.

Reconhecendo que essa última forma de avaliação em forma de seminário temático tenha um aumento no nível de interpretação (texto que interpreta texto com bases científicas). Efetivamente alguns estudantes apresentam uma maior dificuldade em efetivar esse exercício interpretativo em todo o seu potencial. Reconheço inegavelmente que essa última atividade eleva o nível de abstração. Ao mesmo tempo, reconhecendo que esse movimento ocorre ao longo do semestre de forma gradual, começando com capítulos de livros de literatura, filmes, documentários, cenas clipes musicais,<sup>13</sup> seguido de documentários até se chegar no nível do texto científico, que são efetivados

10 O uso do documentário busca reproduzir um exercício analítico como pesquisador social, no momento de utilizar a pesquisa científica como meio para problematizar a realidade social. A turma é desafiada na criação de uma proposta de problema científico, juntamente com a indicação de hipóteses de pesquisa. Em aula esse material é apresentado e discutido presencialmente de forma coletiva e interdisciplinar (onde são aprimorados os limites e potencialidades das propostas).

11 Disponível em [https://youtu.be/WFxx8Qn9W\\_A](https://youtu.be/WFxx8Qn9W_A), produzido pela divisão de extensão pelo projeto da Elizabeth Foschera, apresentado inicialmente no seminário de Direitos Humanos UPF 2021.

12 A obra *A Ralé Brasileira* (2009) de Jessé Souza (capítulos 7-15) descreve a realidade construída em campo pelos pesquisadores, apresentando dados e descrições etnográficas e de pesquisa participante, da trajetória de algumas pessoas que representam a camada social mais pobre do Brasil. Esse exercício permite que os estudantes partam de exemplos de descrições científicas da realidade social brasileira, exercitando o olhar extensionista e de pesquisa.

13 Efetivamente o uso de música e cenas de clipes para ilustrar conceitos e teorias é extremamente rico. Escolho cenas de clipes musicais e os estudantes passam a indicar mais músicas, mais clipes em um movimento que precisa ser mais explorado. Mas isso seria tema para um próximo artigo ou livro.

presencialmente. Ou seja, respeitando esse movimento cognitivo e interpretativo gradual, temos uma constante avaliativa em nível crescente de complexidade realizado coletivamente nas aulas presenciais ao longo do semestre. Como essas avaliações são realizadas em debates e apresentações para o coletivo da turma, os estudantes com dificuldades maiores inicialmente, ao acompanhar as falas dos colegas, ganham maior segurança e tendem a se engajar nos processos de análise e discussão.

Por fim, nas últimas aulas, os estudantes são convidados a relatar as experiências vividas na disciplina, com a produção de relatos de como foi essas experiências, produção de resumos no formato do evento da Semana do Conhecimento<sup>14</sup> que ocorre anualmente na referida universidade. Esses estudantes não são obrigados a participar do evento, mas são convidados realizar essa participação, já que a produção aponta para a importância no compartilhamento das experiências ocorridas em aula para toda a universidade.

No que diz respeito ao relato da experiência de formação do olhar científico, sociológico, que integram ensino, pesquisa e extensão, vividos ao longo da disciplina, o processo de amadurecimento intelectual e humano é perceptível. Identificados por meio do relato dos estudantes ao longo das atividades, principalmente na avaliação coletiva que se realiza na última aula. Estes últimos são complementados pela formalização destes por meio da coleta via formulário eletrônico (Google Formulário) para o registro dessas experiências individuais, mobilizados com a resposta da seguinte questão norteadora: Como foi sua experiência na disciplina? Você percebeu mudanças na sua forma de pensar e agir na sociedade? As respostas servem para o replanejamento, melhorias e avanços da disciplina.

## Conclusão

Os resultados colhidos com as aulas, podem ser descritos pela postura dos estudantes, que se mostraram motivados ao longo do processo, já que tiveram a oportunidade de vivenciar desafios universitários, de uma forma interativa dentro de uma concepção híbrida de ensino-aprendizagem contra-hegemônica. Não é possível dizer que a hibridização do ensino avança na qualidade da experiência em comparação com o ensino presencial tradicional. Seria leviano e superficial defender essa percepção.

Porém, em um contexto em que essa modalidade de ensino é definida institucionalmente, em um contexto pós-pandêmico, se faz fundamental experiências que de alguma forma avancem em relação as metodologias tradicionais. É de fundamental importância no protagonismo na criação de novas práticas e que estas sejam lapidadas e compartilhadas, principalmente pelo motivo que alicerçam novas práticas pedagógicas alternativas ao modelo de mercado.

A proposta da presente discussão, aponta para o potencial do uso de novas tecnologias educacionais no ensino superior, mais precisamente voltadas ao ensino de Sociologia. Objetivando compartilhar esse conjunto de planejamentos, práticas e avaliações concebidas dentro da concepção de ensino híbrido, apontamos para possibilidades inovadoras e capazes de valorizar as presencialidades cada vez mais reduzidas nos currículos. Essas práticas pedagógicas que primam pela autonomia, criticidade, significação profunda dos aprendizados e na formação de uma subjetividade teoricamente complexificada, nos permite falar de uma proposta contra-hegemônica.

<sup>14</sup> No ano que foi escrito o referido artigo, a Semana do Conhecimento estava na XI edição, com uma proposta mais detalhada no site <https://www.upf.br/semanadoconhecimento/programacao> Acesso em 28 de novembro de 2024.

Por fim, no interior de uma concepção comunitária, crítica e humanizadora, a presente proposta ilustra um caminho que oportunizou aos estudantes inúmeros momentos de ampliação de seus conhecimentos, exercitando uma nova postura ativa de aprendizagem que, certamente, refletirá em seus futuros espaços de atuação profissional e cidadã no mundo.

Reconhecendo que o contexto pós-pandêmico e o novo perfil de ingresso massivo nas universidades brasileiras constituem marcos fundantes dos desafios enfrentados no contexto do ensino superior brasileiro, a presente proposta, buscou demonstrar materialmente que é possível avançar em concepções contra-hegemônicas, quando o contexto institucional é favorável. Mas principalmente, quando o professor reconhece seu espaço de luta e de resistência da lógica empresarial que corrói e precariza seu contexto laboral. Precisamos ocupar os espaços chamados de “inovação” com criatividade, embasamento teórico-metodológico e efetivar por meio das novas tecnologias, um novo paradigma no ensino e na aprendizagem no interior dos espaços universitários.



## Bibliografia

- » Adorno, T. W. (2011). *Introdução à Sociologia da Música: doze preleções teóricas*. São Paulo: Editora Unesp.
- » Antunes, R. (2013). *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. Coimbra: CES/Almedina.
- » Bacich, N. e Trevisan, A. (2015). *Ensino Híbrido: personalização, e tecnologia na educação*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- » Barreto, R. G. (2003). *Tecnologias na formação dos professores. O discurso do MEC. Educação e Pesquisa*, vol. 29, Nº 02.
- » Barreto, R. G. (2004). *Tecnologia e Educação. Trabalho e formação docente. Educação e Sociedade*, vol. 25, Nº 89.
- » BBC. (2022). Número real de mortes por covid no mundo pode ter chegado a 15 milhões, diz OMS. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>
- » Berbel, N. (2011). *As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. Semina. Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, vol. 32, Nº 1: 25-40, jan./jun.
- » Bertolin, J. C. G. y Dalmolin, B. M. (2004). *As universidades comunitárias e a emergência de mercados na educação superior: entre a pressão da competição e o diferencial dos valores acadêmicos. RBPAE*, vol. 30, Nº 1: 139-159, jan./abr.
- » Bittar, M. (1999). *Universidade Comunitária: uma identidade em construção*. São Carlos.
- » Brasil. (2018). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica: notas estatísticas*.
- » Brasil. (2019). *Portaria nº 2.117, de 6 de dezembro*. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância -EAD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior -IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>. Acesso em 20 de Maio de 2024.
- » Brasil. (2022). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica: notas estatísticas*.
- » Caprara, B. M. e Antunes Machado, L. (2024). *Contribuições para uma educação escolar antirracista: bell hooks e a pedagogia engajada. Retratos Da Escola*, 18(40). <https://doi.org/10.22420/rde.v18i40.2028>
- » Carles, P. (2021). *La sociologie est un sport de combat*. Réalisateur: Pierre Carles. Production: Véronique Frégosi e Annie Gonzáles. Paris, 05/2001. Documentaire. Durée: 2h 20 m. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1fHwbBw32aM>. Acesso em 30/11/2024.
- » Cavalcanti, L. M. R. e Guerra, M. das G. G. V. (2022). *Os desafios da universidade pública pós-pandemia da Covid-19: o caso brasileiro. Ensaio: aval. pol. públ. educ.*, vol. 30, Nº 114: jan. Rio de Janeiro.
- » Durkheim, E. (2005). *As Regras do Método Sociológico*. Nasseti, P. (trad.). São Paulo: Martin Claret.
- » Dourado, I. P. (2017). *Institucionalização do senso comum opinativo brasileiro: responsabilização educativo-institucional no fechamento prematuro das*

- consciências sociais. Tese de Doutorado em Educação. Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo.
- » Dourado, I. P. (2018). Senso comum e Ciência: uma análise hermenêutica e epistemológica do senso comum de oposição. Em *Revista Educar* 34(70): 213-229. Disponível em <http://doi.org/10.1590/0104-4060.57154>
  - » Dourado, I. P. (2023). *Paulo Freire e o analfabetismo sociológico: Por uma Sociologia dos oprimidos*. Cadernos Da Associação Brasileira De Ensino De Ciências Sociais, 7.
  - » Dourado, I. P. (2024). *Bases e concepções teóricas fundantes na sociologia dos oprimidos*. Florianópolis: Editora Udesc. (
  - » Dourado, I. P. e Costa, P. F. (2024). Registros autobiográficos e o artesanato sociológico do Slam resistência no ensino de Sociologia. Simbiótica. *Revista Eletrônica*, 11(2): 114-135. <http://doi.org/10.47456/simbitica.v11i2.43009>
  - » Evangelista, O.; Fiera, L. e Flores, R. (27/04/2020). Um “presente de grego” para a educação pública brasileira. *Universidade a esquerda*. Disponível em: <http://universidadeaesquerda.com.br/debate-um-presente-de-grego-para-a-educacao-publica-brasileira/> acesso em 30 de abril de 2024.
  - » Ferrari, A. y Cunha, A. M (2020). *A pandemia do Covid-19 e o isolamento social: saúde versus economia*. Porto Alegre: Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, 20 mar.
  - » Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez.
  - » Freire, P. (2015). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra.
  - » Freitas, L. C. (2020). *EAD, tecnologias e finalidades da educação*. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2020/04/17/ead-tecnologias-e-finalidades-da-educacao/> Publicado em 17/04/2020.
  - » Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
  - » Hooks, B. (2020). *Ensinando pensamento crítico. Sabedoria prática*. São Paulo: Elefante.
  - » INEP. (2015) *Censo da educação superior*. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/evolucao-1980-a-2007>. Acesso em: 31/03/2015.
  - » INEP. (2016). *Censo da Educação Superior*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
  - » Mills, C. W. (1972). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
  - » Pischetola, M. e Damiana, Heisfeld, B. (2018). “Eles já nascem sabendo!”: desmistificando o conceito de nativos digitais no contexto educacional. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, vol. 16, Nº 1, Porto Alegre.
  - » PNAD. (2010). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*.
  - » Saviani, D. (2008). *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. Campinas: Autores Associados.
  - » Souza, J. (2009). *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
  - » Tavares, V. dos S. e Melo, R. B. de. (2019). Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais? *Psicologia Escolar e Educacional*, 23, e183039. Disponível em <http://doi.org/10.1590/2175-35392019013039>

## **Ivan Penteado Dourado**

Doutor em Educação pela Universidade de Passo Fundo; Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Graduação em Pedagogia e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e do curso de Pedagogia. A presente pesquisa constitui-se como um desdobramento da pesquisa guarda-chuva intitulada “Educação crítica, Trabalho e subjetividade emancipatória”, desenvolvida ao abrigo do grupo de pesquisa Lutas Sociais, Trabalho e Educação (Lute).

<https://orcid.org/0000-0002-4529-831X>, Brasil.

ivan.dourado@udesc.br

